

POLÍCIA Caiado volta a criticar câmeras em fardas P6

O Popular

Fundado em 3 de abril de 1938 por Jaime Câmara, Joaquim Câmara e Rebouças Câmara

SUPEREDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Regra pode reduzir R\$ 493 milhões no teto dos poderes

COFRE Limite de gastos apresentado pela Secretaria de Economia tem base no RRF e impacta nas despesas de pessoal, custeio e investimentos de órgãos autônomos para 2025. Maior queda seria da Defensoria Pública e da Assembleia. Instituições pedem mudanças P4

BASTA!

Síndrome da mulher espancada pode deixar vítimas sem reação

Pessoas que vivem rotina de violência, como Marcela Luise, correm risco de paralisia P12

20 HELICÓPTEROS

Consórcio faz compra conjunta de aeronaves para uso da Segurança P2

E MAIS

- Cileide: Appetite por mais gastos P7
- Clima e as eleições de 2024 P8
- Kafka, o escritor que apunhala P26
- Brasileirão volta com mudanças P18

Geógrafo Ary Soares mostra água coletada no Rio Piracanjuba, que não tem mais o peixe do mesmo nome

FAUNA AMEAÇADA

Barragens e soltura de espécies exóticas causam extinção de peixes nativos

Pesquisa identificou rastros de material genético estranho aos comuns na bacia, situação que pode causar graves desastres ambientais, como o que aconteceu com a proliferação de javalis P14

Diomício Gomes

Fábio Lima

Karine Franco (de branco), com os irmãos Kaio e Kiara na marmoria: inovação

EMPREENDER

Pequenos negócios têm regras para atingir sucesso P10

CUIDADOS

Pressão estética faz disparar as plásticas na faixa de 13 a 18 anos P17

Elder Dias
elderdias@opopular.com.br

Nascendo na Serra do Alecrim, entre Silvânia e Bela Vista de Goiás, o Rio Piracanjuba segue seu curso sinuoso por 250 quilômetros até desaguar no Corumbá e o conjunto das águas com o Paranaíba formarem o Lago das Brisas, a fonte de energia da hidrelétrica de Furnas, em Itumbiara. O nome vem do peixe nomeado pirá-acan-yuba – traduzindo do tupi, o “peixe da cabeça dourada”. Sua importância para a região é tal que acabou por também renomear o município que corta logo a seguir e que, até 1943, se chamava Pouso Alto.

Por permissão ou subversão da lei, ao longo de suas margens, só finas faixas verdes separam seu leito de pastagens e monoculturas. Poucos trechos de mata fechada. Rios e cidades mudam, nem sempre para melhor. E geralmente se estranham. O que não há mais no Piracanjuba? E o que não se compra mais nas feiras de Piracanjuba? Piracanjubas.

O peixe vistoso, de carne suave e rosada semelhante à do salmão, com até oito quilos, medindo mais de meio metro e que deu nome ao rio e ao município, não mais foi visto na região desde o século passado. Testemunhos de piracanjubas nas imediações de Piracanjuba ou no restante do curso do Piracanjuba virão somente pela boca de sexagenários que tiveram o privilégio de conhecer sua beleza e seu sabor quando crianças.

A falta do peixe piracanjuba, de nome científico *Brycon orbignyanus*, diz muito sobre o que houve com o Rio Piracanjuba. “É uma espécie chave na política de conservação, especialmente da ictiofauna (conjunto dos peixes de um ambiente), por ser topo da cadeia alimentar e um dos predadores naturais da Bacia do Paranaíba”, explica o geógrafo Ary Soares dos Santos, que tem uma propriedade às margens do manancial. É um marcador da saúde do ecossistema: se a piracanjuba deixou de existir ali, é porque muita riqueza de fauna e flora também se foi ou está sob risco.

O fato é que, explica Ary, uma espécie de tal importância não desaparece só por um fator: há uma série de razões. Em todas elas, está a mão humana. A mão que assola toda a Bacia do Paranaíba, a que se ligam cerca de 60% das cidades goianas. “É uma bacia bastante antropizada, por desmatamento, alteração do uso do solo (pastagens, monoculturas, mineração etc.) e por barragens”, explica a professora Mônica Rodrigues Ferreira Machado, doutora em Ciência Animal pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e pesquisadora da Universidade Federal de Jataí (UFJ).

O status da piracanjuba, considerada um símbolo da Bacia do Paranaíba, apresenta uma tendência sombria: o conjunto de intervenções no ambiente está inviabilizando os peixes como eles existem hoje em todas as bacias hidrográficas, em todo o Estado. E em última instância, cada vez mais comum, causando o desaparecimento de muitos deles. É o que está sendo registrado em um amplo trabalho de pesquisa que



Ary Soares coleta água para pesquisa no Rio Piracanjuba, que margeia sua propriedade: material genético que compõe a bacia está mudando

Como Goiás está extinguindo seus peixes

MEIO AMBIENTE Solturas indiscriminadas, barragens e monoculturas inviabilizam espécies como a piracanjuba, desaparecida dos rios do Estado desde o início do século

envolve universidades, empresas, organizações não governamentais e ambientalistas, iniciado em 2020 e que vai pelo menos até 2026.

PESQUISA ABRANGENTE

Ex-superintendente em Goiás do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) de 2004 a 2011, Ary Soares se aposentou e hoje é diretor-executivo do Instituto de Desenvolvimento Econômico e Socioambiental (Idesa), organização social de interesse público (Oscip) na área ambiental e cultural. A entidade lidera o projeto Paranaíba Vivo – Aquários Paranaíba, que, ampliando um trabalho anterior com o Rio Piracanjuba, e com recursos de parceria com a concessionária do setor elétrico Enel Green Power Cachoeira Dourada S.A., pesquisa agora toda a bacia hidrográfica do rio que separa Goiás e Minas Gerais e depois, juntamente com o Rio Grande, forma o Rio Paraná.

Juntam-se na força-tarefa a UFJ, a Universidade Estadual de Goiás (UEG) de Morrinhos, o Instituto de Pesquisa em Fauna Neotropical (Ipefan) e organizações não governamentais (Fundação Biodiversitas e SOS Rio Piracanjuba). Até o momento, uma constatação que ultrapassa a devastação do Cerrado que impacta nos mananciais e pode ser vista a olho nu pelas imagens de satéli-



Wagner Martins analisa amostras do Rio Piracanjuba: detecção de diversas espécies exóticas

te: o material genético que compõe o rio está mudando. Exames microscópicos mostram perda sensível de “rastros” de peixes nativos – como piracanjuba, pirapitinga, pintado e espécies menores – e presença mais forte de espécies exóticas ou de outras bacias, incluindo al-

gumas ainda não registradas. Ou seja: há por lá mais peixes estranhos do que tilápias e tambaquis que se espalharam por Goiás e Brasil afora.

O diretor-técnico do Ipefan, biólogo Wagner Martins Santana Sampaio, analisa amostras de vários pontos da bacia, especialmente no Piracanjuba e no Paranaíba. É a técnica do eDNA (“environmental DNA”, ou DNA ambiental), pela qual, por meio da água, se faz o rastreo genético dos seres que passaram por um local.

Doutor em Ciências Biológicas focado em ictiofauna, Wagner confirma a detecção de diversas espécies exóticas. Dentro ou fora d’água, esses corpos estranhos podem causar gravíssimos desastres ambientais. Um exemplo disso para além da fauna aquática é o javali, importado para fins comerciais nos anos 1960 e que proliferou no Brasil após decisão do Ibama contrariar produtores, que liberaram seus animais no meio silvestre. Surgiu então uma praga que destrói criações e culturas. De volta aos rios nacionais, o tambaqui no Araguaia; o pirarucu, no Rio Grande; e o tucunaré, no Paranaíba, são exemplos de “javalis aquáticos”: carnívoros, todos originários da Amazônia, foram inseridos em outras bacias e hoje devoram as espécies nativas, ameaçando o equilíbrio de todo o ecossistema.

Soltar alevinos em rios é prática nociva

Como peixes saem de rios do Amazonas e vão parar no Sul do País? De novo, só a mão humana explica. Isso ocorre pelas solturas de alevinos ou juvenis (peixes em desenvolvimento) em rios, para fins comerciais, esportivos ou pretensamente ambientais. Pesquisas provam que não há nada de positivo na quase totalidade dessas ações, chamadas tecnicamente de peixamentos. “Calcula-se que só na bacia do Paraná foram liberados mais de 40 milhões de alevinos nos últimos anos. Não melhorou para ninguém, menos ainda para o ambiente”, resume o biólogo Wagner Sampaio.

Em Goiás, recentemente uma soltura acabou virando denúncia ao Ministério Público. No dia 18 de maio, a Prefeitura de Piracanjuba, com verba destinada por emenda do deputado estadual Amauri Ribeiro (União Brasil), fez ação de repovoamento no rio homônimo, mas não com a espécie que o batiza: foram para o leito mais de 45 mil alevinos, entre matrinxãs, curimbas, piaus e pirapitingas.

“Sem estudo, é dinheiro jogado fora. Porque não se sabe quantos de tal espécie o rio comporta. Colocar dez pessoas em uma casa com dez camas, comida, água, banheiro etc., é uma coisa; mas com pessoas no mesmo ambiente não tem como comportar. O mesmo vale para o rio”, explica a professora Mônica Machado, integrante da pesquisa Aquários Paranaíba. Cerca de 50 biólogos, veterinários e outros pesquisadores da área elaboraram uma nota técnica sobre a questão e que deve ser publicada nos próximos dias. Um dos pontos que serão ressaltados é que peixamentos, quando divulgados nas mídias e “principalmente quando liderados e ratificados por autoridades públicas”, além de incentivar ações similares, propagam essas práticas são benéficas ao meio ambiente.

Peixes fora d'água certa

Espécies exóticas e não nativas ameaçam a ictiofauna original e desregulam completamente o ecossistema das bacias hidrográficas

**Barragens**

Em Goiás, os rios Corumbá e Paranaíba têm, juntos, sete barragens. Eles compõem a Bacia do Paraná, onde represamentos para hidrelétricas mais proliferaram no Brasil. As intervenções se tornaram obstáculos para a piracema, em alguns casos, e acabaram com as barreiras naturais, em outros, destruindo e “misturando” habitats de espécies diferentes de peixes.



Tambaqui

Colossoma macropomum

Da bacia do Rio Amazonas, é encontrado no Rio Araguaia, onde não existia originalmente e se tornou um risco ao meio ambiente, por concorrer com espécies nativas, como a caranha.



Tucunaré

Cichla ocellaris

Bastante conhecido das temporadas do Rio Araguaia, há décadas ele foi introduzido em outras regiões e é encontrado, por exemplo, no Paranaíba. É espécie não nativa e altamente prejudicial ao ecossistema fora de seu habitat.



Matrinxã

Brycon hillarii e Brycon amazonicus

Encontrado nas bacias Amazônica e do Paraguai, por conta de peixamentos indiscriminados, pode ser hoje observada em rios de outras bacias, como o Piracanjuba.



Piracanjuba

Brycon orbignyanus

Deu nome a um rio e um município do Centro-Sul de Goiás, tamanha sua abundância. Hoje não é mais noticiado em águas goianas pelo menos desde o início do século.



Tilápia

Oreochromis niloticus

Conhecida originalmente como tilápia-do-nilo, é de origem africana, foi trazida para o Brasil na década de 70 e hoje é bastante comercializada. Tornou-se uma séria ameaça às espécies nativas.



Coleta de eDNA

Amostras de água estão sendo colhidas por pesquisadores em dez pontos do Rio Piracanjuba, bem como no Paranaíba e em outros rios da bacia

“Espécies não nativas jogam contra o ambiente”

Na soltura dos peixes em Piracanjuba, conforme divulgado pela própria prefeitura em suas redes sociais, havia pelo menos uma espécie não nativa: a matrinxã, originária dos rios amazônicos e do Pantanal, é um “peixe fora d’água” na Bacia do Paranaíba, embora já haja relatos de sua presença em toda parte de Goiás. “Muitos não veem alguns peixes como espécies exóticas, mas isso não significa que não sejam e que isso não deteriore o ambiente”, diz a professora Mônica Machado, coordenadora do Laboratório de Biotecnologia e Fisiologia de Peixes (Labfish) da Universidade Federal de Jataí (UFJ).

Ação promovida pela prefeitura levou o presidente da orga-

nização não governamental SOS Rio Piracanjuba, Rosimar Silva, a encaminhar denúncia ao Ministério Público de Goiás (MPGO). O ambientalista alega que “não tem sentido algum (esse tipo de ação), ainda mais partindo da própria administração municipal” e que o rio já enfrenta muita dificuldade de sobrevivência por conta da qualidade da água. “Contraria as normas e não resolve nada. Jogar peixes dentro de uma água que precisa de muito mais que isso, seja por fatores como desmatamento ou agrotóxicos, dejetos e outros produtos despejados? Isso só representa piora para o ecossistema como um todo.”

A crítica também passa pela destinação do dinheiro público.

“O deputado, como legislador, deveria saber que há uma regulamentação”, diz Rosimar, também proprietário de área às margens do Piracanjuba. O ativista admite que “bater de frente” contra esse tipo de ação é complexo. “Peixamento parece ser uma coisa boa para o senso comum, mas é uma visão errônea. A maioria não tem noção do mal que faz ao meio ambiente.” “A questão é que desde 1998 existe portaria sobre isso”, acrescenta. A Portaria 145/98 do Ibama acrescentou-se, a Instrução Normativa nº 5/2021 do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), ainda mais rígida sobre o manejo de peixes não nativos.

Autor da emenda que levou à

ação e também ex-prefeito do município, Amauri Ribeiro diz que a pedido da população tem destinado verbas para esse fim a “dezenas de cidades” e que já colocou “milhões de alevinos nos rios do Estado”, mas só houve denúncia em Piracanjuba. “A prefeitura fez licitação e estudo das espécies a serem adquiridas. Estamos fazendo uma boa ação que foi respaldada pela Secretaria de Meio Ambiente de Piracanjuba.” Sobre a matrinxã, que não é natural da bacia, ele argumentou: “Minha terra faz fundo com o rio, onde já pesquei esse peixe. Você pelo menos já pescou lá?”, retrucou, encerrando a entrevista sem responder ao ser questionado se havia licença ambiental para o peixamento.

Sobre a denúncia, que está com a promotora Cristina Emília França Malta, a assessoria do MPGO enviou a seguinte nota: “O MP recebeu no dia 22/5 uma notícia de fato sobre o caso, que será apurado pela 2ª Promotoria de Justiça de Piracanjuba, que já requisitou informações à Secretaria Municipal do Meio Ambiente e à Secretaria Estadual do Meio Ambiente (Semad) e Desenvolvimento Sustentável, para adoção das medidas cabíveis. Assim, a promotora irá aguardar a coleta de informações para se manifestar.” Procuradas, a secretaria de Piracanjuba e a Semad não se pronunciaram até o fechamento desta edição.

Barragens, um prejuízo dobrado para peixes nativos

Dentro do Projeto Paranaíba Vivo – Aquarius Paranaíba, há uma parte socioeconômica, com questionários que estão aplicados à população que convive com o Rio Piracanjuba. São pescadores, produtores de médio e grande porte, agricultores familiares, moradores de comunidades ribeirinhas e donos de chácaras e pequenos imóveis. A responsável é a professora Janaine Pimentel, da UEG – Câmpus Sul de Morrinhos. “Nas declarações de praticamente todas as entrevistas há sempre dois pontos em comum: os peixes estão mais escassos e espécies antigamente encontradas não são mais vistas”, relata.

Assim como a piracanjuba, os entrevistados relatam a falta ou a redução drástica de outros peixes notáveis, como o dourado e a pirapitinga – que, inclusive, dá nome a um afluente do Piracanjuba. No caso da bacia hidrográfica em que se insere o rio, há um fator adicional que pode ser uma das explicações por esse sumiço de várias espécies: o excesso de barragens.

Somente na divisa entre Goiás e Minas, o Rio Paranaíba sofre quatro represamentos. O primeiro é o da usina da Emborca-



Barragem da Usina Hidrelétrica de São Simão: represamentos colaboram para o sumiço de várias espécies

ção; depois se segue o da hidrelétrica de Furnas, em Itumbiara; relativamente a uma distância não muito longa, tem a usina de Cachoeira Dourada; por fim, também a barragem de São Simão. Um de seus principais afluentes em águas goianas, o Corumbá, comporta três grandes barragens em seu curso.

Conhecedor das problemáti-

cas do Rio Paranaíba, o biólogo Wagner Sampaio, do Ipefan, explica por que, de modo geral, as barragens são grandes desafios para a sobrevivência e subsistência das espécies. “Barramentos produzem respostas ambientais complexas. Por exemplo, se você transforma um ambiente que era lótico (de água corrente) em um ambiente lântico (de água

parada) toda a ictiofauna que é adaptada a viver de uma forma passa a viver num ambiente novo.” Fica mais fácil entender tentando assimilar pelo ponto de vista de um peixe: aquele curso d’água cheio de curvas e reen-trâncias, com árvores e plantas às margens a fornecer frutos e folhas como alimentos, de repente se transforma em um imenso

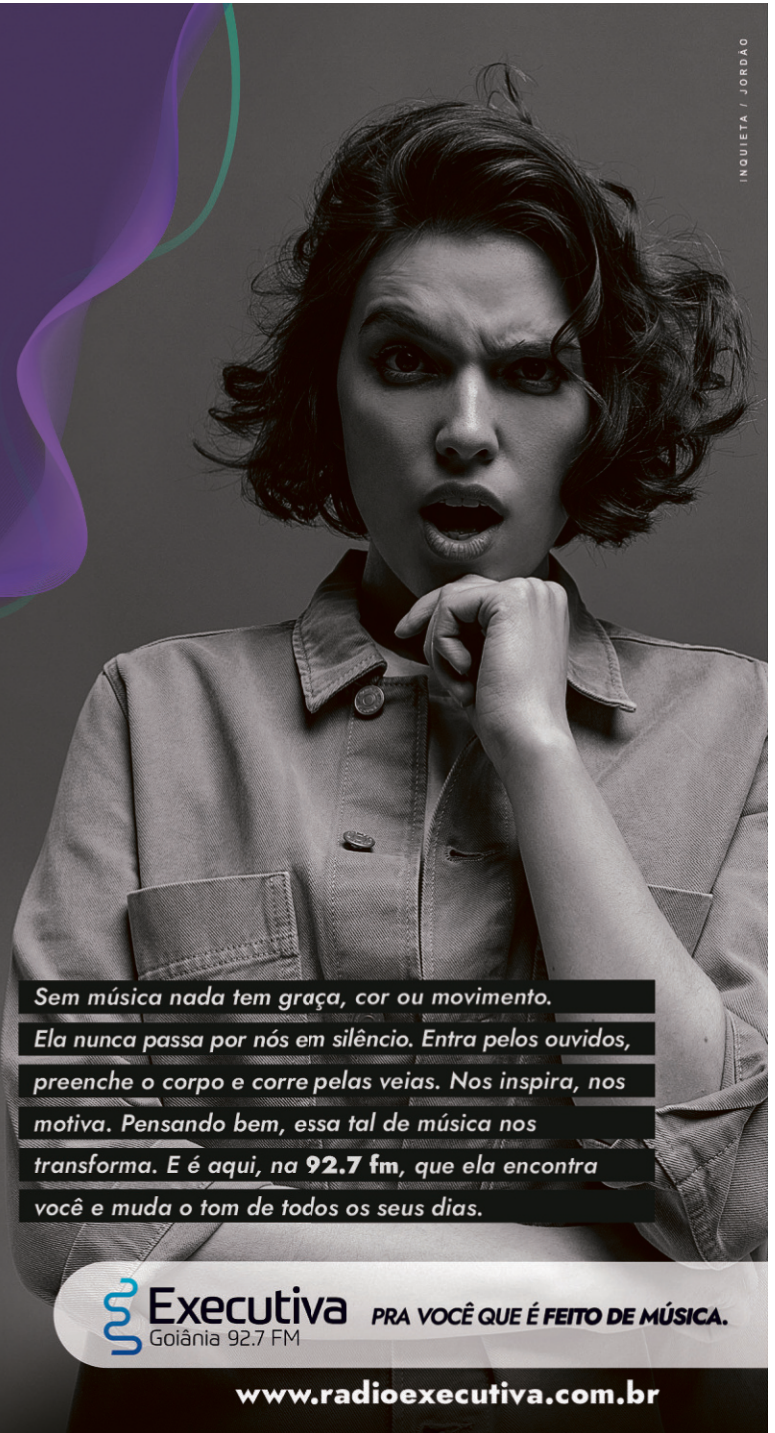
lago, com água que parece não ter fim nem se mover.

“Isso muda todas as características físico-químicas do ambiente e fragmenta o habitat, impossibilitando peixes de acessar livremente seus locais de desova e alimentação”, desenvolve Wagner. Somado a isso, segue o pesquisador, ainda há a gestão errada desses novos ambientes e de seus recursos pesqueiros. A transformação do que era um rio em um grande lago impacta também na piracema, o fenômeno pelo qual cardumes sobem as correntezas em busca do lugar adequado para depositar as ovas e fechar o ciclo da reprodução. “É bom lembrar que muitas barragens, especialmente as mais antigas, foram construídas sem escadas, plataformas elevatórias ou quaisquer mecanismos para mitigar o impacto sobre esse processo de reprodução dos peixes”, diz o analista ambiental Ary Soares.

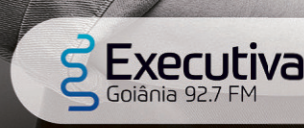
O barramento causa dois prejuízos: além de muitos não conseguirem mais se procriar no alto de suas bacias – o que explica a piracanjuba ser encontrada no Rio Paraná, para onde descem as águas do Paranaíba e do Piracanjuba, mas não em Goiás – os peixes que durante ciclos de milhares ou até milhões de anos nunca conviveram, por causa de barreiras naturais, como uma grande cachoeira, são ajuntados em um grande lago que some com essas quedas. “Isso causa desequilíbrios em vários níveis”, afirma Wagner Sampaio.



NOVOS TONS PARA O SEU DIA.



Sem música nada tem graça, cor ou movimento. Ela nunca passa por nós em silêncio. Entra pelos ouvidos, preenche o corpo e corre pelas veias. Nos inspira, nos motiva. Pensando bem, essa tal de música nos transforma. E é aqui, na 92.7 fm, que ela encontra você e muda o tom de todos os seus dias.



Executiva PRA VOCÊ QUE É FEITO DE MÚSICA.
Goiânia 92.7 FM

www.radioexecutiva.com.br